

Em cada canto, um monumento

Cidade não tem apenas as obras do Eixo. Outros bens tombados se espalham pelo DF, alguns em péssimo estado

FREDDY CHARLSON

Brasília, Patrimônio Cultural da Humanidade desde 1987, esconde outros monumentos além da Esplanada. Se não tão ostensivos e bem cuidados, pelo menos tão importantes e históricos quanto aqueles que enfeitam os cartões-postais. Há, por exemplo, a Igreja São Sebastião, em Planaltina, construída há 133 anos e que passa por reforma. Ou o HJKO (Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira), erguido

em 1957, no Núcleo Bandeirante, para dar suporte aos operários que construíam Brasília. Ou, ainda, a Ermida Dom Bosco – às margens do Lago Paranoá – que propicia visão privilegiada do Plano Piloto. Ou, então, a Igreja São Geraldo, que fica dentro de um parque, no Paranoá.

Monumentos que, da mesma maneira que os prédios mais famosos, fazem parte do acervo de bens tombados da capital da República. Acervo, aliás, que deveria receber fiscalização mais severa do cha-

mado órgão competente, a Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico (Depha), da Secretaria de Cultura do GDF.

"Algo parcialmente feito por vários motivos", apressa-se a explicar o diretor da Depha, Jarbas Silva Marques, 59 anos. Ele conta que faltam recursos e técnicos especializados. E que, muitas vezes, a manutenção dos bens tombados nas cidades do DF é de responsabilidade das administrações regionais. "Não existe verba específica para a manutenção dos bens. Falta

uma política pública para a preservação desses monumentos", lamenta Jarbas Marques.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), por sua vez, não cobra ou se responsabiliza pelo custeio da preservação dos tombamentos feitos pelo GDF. "No caso do HJKO, tombado pela Depha, estamos estudando um tombamento em nível federal. Já há um tombamento provisório em parceria com a Depha", informa Márcio Viana, superintendente substituto da 15ª Superintendên-

cia do Iphan-DF. Os órgãos dependem de dotação orçamentária para cada bem tombado. Ou seja, a conservação dos monumentos varia de acordo com a sensibilidade de políticos. Ou com a educação dos visitantes.

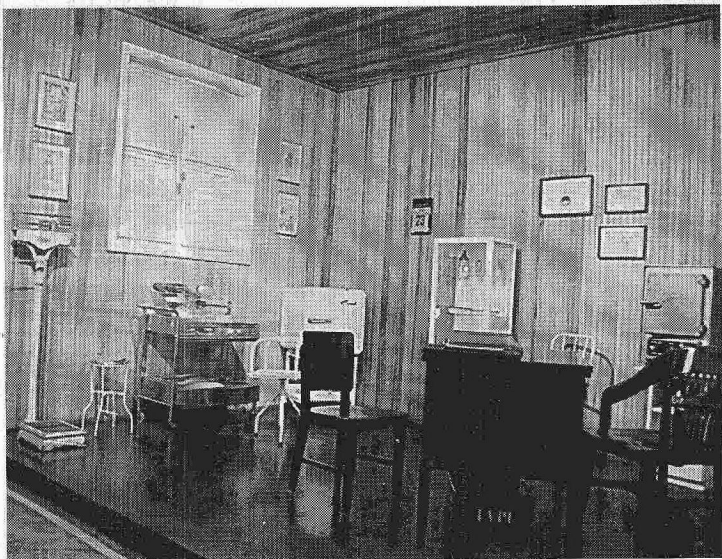
Algo que não tem acontecido. Exemplos de pichação, depredação, vandalismo e roubo são percebidos a cada visita aos monumentos. Assim como a falta de pintura, reboco, capinagem. "Temos visitado os bens. O problema de Brasília é a educação patri-

monial. O povo não pode respeitar algo que não conhece o valor. Temos que educar a população para não danificar o bem", acredita o diretor.

Além da insistência dos mal-educados que teimam em danificar o patrimônio, outra questão atrapalha a manutenção. É que qualquer reforma nos prédios tombados tem que passar pela supervisão dos técnicos da Depha que, por sua vez, submetem a ideia ao Iphan, que autoriza, ou não, a obra. Assim, a culpa também recai sobre a velha burocracia.

A SITUAÇÃO DE CADA LOCAL

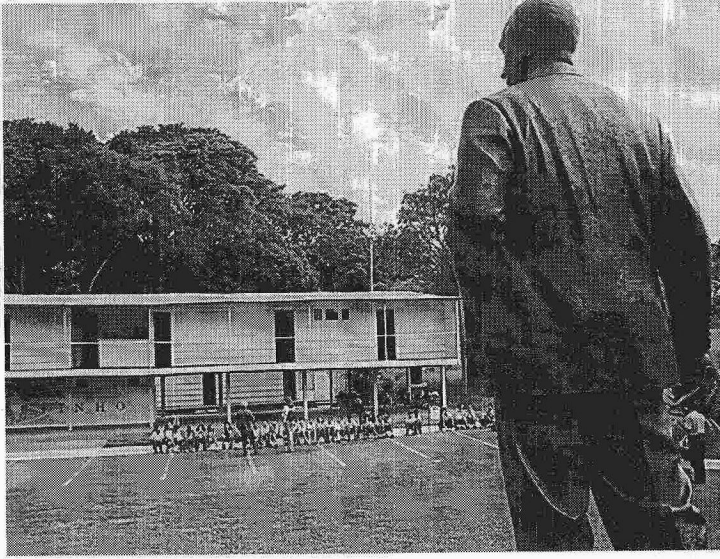
FOTOS: UÉSLEI MARCELINO



Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (HJKO)

Construções em estado precário e sem pintura, esgoto na base da fossa séptica e sujeira. Esse é o estado do Museu Vivo da Memória Candanga (que funciona no espaço do antigo HJKO). Mas a agonia do lugar, pelo visto, está perto de acabar. A Arte Verde, entidade sem fins lucrativos que faz parceria com a gerência do museu, capta recursos e cria um projeto para revitalizar a área. A ideia é construir uma casa em homenagem a Bernardo Sayão (primeiro morador da cidade, que trouxe a família e construiu uma casa no local).

FOTOS: DAVI ZOCOLI: 10/12/97



Catetinho

A primeira residência oficial do presidente Juscelino Kubitschek está bem conservada, pintada e funcionando. Um entomologista (especialista em insetos) contratado pela Depha vai dar palestras a restauradores de bens em madeira e ensinar como eliminar os cupins, que ameaçam o projeto de Oscar Niemeyer, erguido em dez dias. O Catetinho (alusão ao Palácio do Catete, no Rio) foi inaugurado em 10 de novembro de 1956. A pedido de JK, foi tombado pelo Iphan em 10 de novembro de 1959.

MINERVINO JÚNIOR: 02/06/03

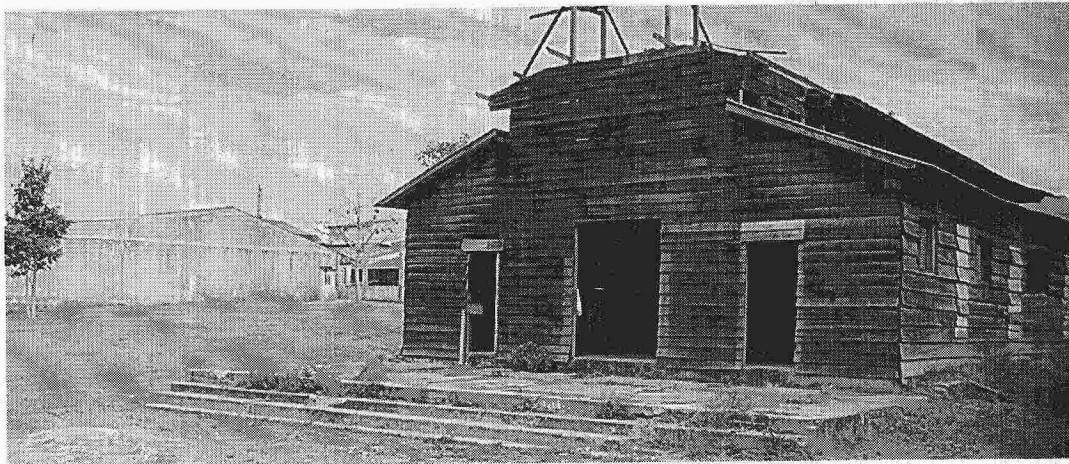


Igrejinha Nossa Senhora de Fátima

A estrutura de argamassa está boa e as missas continuam sendo realizadas regularmente. O templo tem forma triangular e é formado apenas de uma nave e sacristia. É um dos marcos da arquitetura religiosa no Brasil, com paredes laterais revestidas por azulejos azuis desenhados por Athos Bulcão. A Igrejinha foi o primeiro templo de alvenaria do Plano Piloto. Sua construção durou cem dias e a inauguração ocorreu em 28 de junho de 1958. Em 1982, foram feitas obras de recuperação. Mais tarde, foi construído um santuário de velas.

Igreja São José Operário

Fica dentro do terreno do pároco da igreja homônima e em construção que funciona a poucos metros dali. Não está aberta à visitação pública. Sem iluminação e com buracos no teto, ainda serve de ponto de encontro para as pastorais da paróquia. Mas o abandono desanima os que não conhecem a primeira igreja da cidade, erguida pelos operários. A Depha está à espera de verba para reconstruir o prédio. Faltam até tábuas na igreja.



OUTROS CENÁRIOS HISTÓRICOS

Igreja São Sebastião

Está no estágio final da reforma. O monumento fica na Praça São Sebastião Mestre D'Armas, em Planaltina. Foi pintado, teve o gramado aparado e ganhou telhas novas e originais de uma casa que foi desmontada em Luziânia (GO). Mas faltam retoques, como a iluminação. A igreja vai ser entregue no aniversário da cidade, amanhã. A capela foi construída em adobe e palha, em 1870. Os registros citam 1880 como ano de criação da paróquia. A igreja foi tombada pelo GDF em 1982. Em 1984 houve uma restauração.

Museu Histórico e Artístico de Planaltina

Fechado há um mês. A Depha faz estudos para restaurar o museu, na Praça Salviano Monteiro, nº 24. Algo que deve ser feito urgentemente na construção de arquitetura do final do século 19, no estilo colonial rústico. A casa que abriga o museu foi construída no início do século 20 e hospedou caravanas que vinham estudar a implantação da capital. Serviu de residência até 1973 e o museu foi inaugurado em 22 de abril de 1974.

Pedra fundamental

O diretor da Depha, Jarbas Vargas, diz que o lugar "precisa de uma capinagem". Afirmação modesta. A pedra está cercada pelo mato. O monumento está pichado, rabiscado e faltando pedaços. Os 20 bancos estão cercados pelo matagal e lixo. A pedra fica no ponto mais elevado do Morro do Centenário.

Ermida Dom Bosco

A primeira obra de argamassa da cidade está sob manutenção. Limpa, com a grama aparada, bom espaço para estacionamento e com acesso facilitado, graças à construção da Ponte JK.

Vila Planalto

O Iphan, a Administração Regional de Brasília e a Depha exercem tripla fiscalização da Vila Planalto. O Iphan está fazendo estudo sobre os problemas que descaracterizam Brasília.

Escola Classe 308 Sul

A Depha está iniciando um processo de tombamento da escola como bem cultural. A Escola Classe faz parte do projeto original de Lúcio Costa, que previa, a cada quatro superquadras, a construção de um clube Unidade de Vizinhança e de uma Escola Classe.

Igreja São Geraldo do Paranoá

Em estado de miséria, sem porta, com buracos no teto e nas paredes de madeira laterais, com pichações e vandalismo. O mato que a cercava foi aparado pelo administrador do Parque Vivencial do Paranoá, onde fica a igreja, que praticamente ruíu e que não tem condições de ser restaurada.

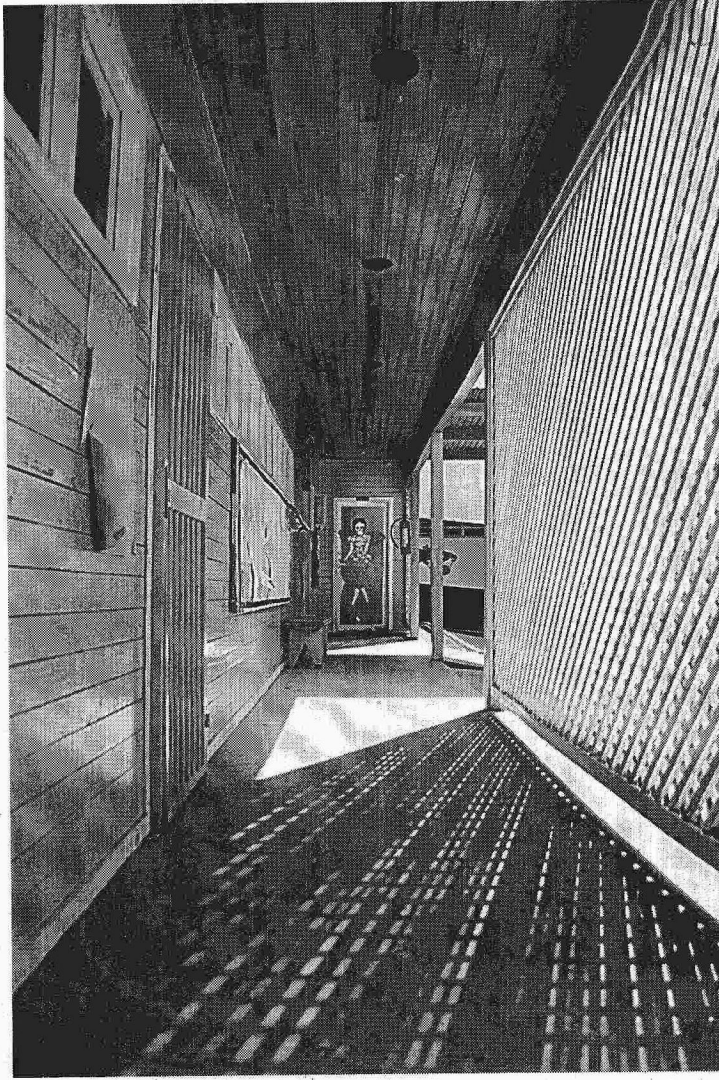
Museu da Cidade

O maior problema do museu, cuja responsabilidade é da Depha, são vândalos. O órgão já restaurou a cabeça do presidente JK, de pedra-sabão. É o único museu do mundo inaugurado no mesmo dia que a cidade que o sedia.



Árvore do Buriti

A Novacap mantém a árvore-símbolo de Brasília sob manutenção. Mas as palmeiras estão perdendo a vivacidade e morrendo. Mesmo que tenha sobrevivido, em maio de 1992, ao ataque de um maluco que tentou cortá-la com machado. O buriti foi plantado em fins de 1959, por Waldemar Miranda. A árvore morreu e surgiu a ideia de replantar outro buriti no lugar. O paisagista Roberto Burle Marx foi contratado para idealizar o projeto. O buriti da praça foi plantado em 31 de outubro de 1969 e a Praça do Buriti passou a existir em 1970.



Centro de Ensino Metropolitano

Os cupins fazem a festa nas paredes de madeira, pintadas de amarelo. Além disso, há portas que não se fecham e buracos, além de pintura gasta. A Secretaria de Educação e a Administração Regional do Núcleo Bandeirante deveriam cuidar do centro, mas não podem mexer sem autorização da Depha. Há problemas de estrutura, mesmo com a manutenção usual (são 1.500 alunos da pré-escola à 8ª série, mais o supletivo 1º grau). Está em funcionamento e não corre risco de cair.